

Deponente: Lírio Guarani.

Entrevistadores: Juliana Ventura de Souza Fernandes, Marco Túlio Antunes Gomes, Paulo Afonso Moreira e Pedro Berutti Marques.

Data: 21 de março de 2017.

LÍRIO GUARANI: Krenak aqui, é Krenak.

JULIANA: O senhor veio pra cá?

LÍRIO GUARANI: Não.

JULIANA: Não?

LÍRIO GUARANI: Na época da ditadura eu estava saindo do Mato Grosso.

JULIANA: Do Mato Grosso.

LÍRIO GUARANI: Ainda era muito bem diferente. Mas, como eu tinha a memória boa ainda lembro da ditadura. Na época dessa ditadura eu estava num... eu estava na (trecho incompreensível) Pará, na aldeia dos Karajás.

JULIANA: Karajás?

LÍRIO GUARANI: Porque quando era a ditadura, que era os índio também era policial, era militar também. Então, esses índio também que judiava com os índio também. Então, eu cheguei a conhecer nem era só aqui não, mas em todo o estado que eu andava nessa época, como diz o outro (trecho incompreensível), eu nessa época.

JULIANA: Aqui?

LÍRIO GUARANI: Se você me perguntar o estado que eu conheço, quase eu conheço tudo. É Mato Grosso, sede de Mato Grosso que eu fui pra Belém do Pará, depois eu fui pra Paraná, tudo eu conheci isso aqui, fui pra Belém do Pará. E era em época da ditadura. Quando eu retornei, cheguei pra conhecer Krenak isso aqui já tava acabando.

JULIANA: Ah, sim.

LÍRIO GUARANI: Uhum. Eles já tinham retirado daqui e nós fomos encontrar na fazenda Guarani (trecho incompreensível). Fiquemos lá desde do (trecho incompreensível), os Krenak e os Guarani também tava no meio do pessoal, os outros representa a minha nação também tá lá.

JULIANA: Os Guarani.

LÍRIO GUARANI: É os Guarani também tava lá. Então, quando eu cheguei lá já tava na fazenda, mas tinha algum preso ainda, tinha algum preso ainda.

JULIANA: Quando o senhor chegou lá na fazenda Guarani o senhor ainda era criança ou já era maiorzinho?

LÍRIO GUARANI: Não, eu já tinha quase uns 20 anos, uns 15 a 25 ano, por aí.

JULIANA: Ah, o senhor era maior, já era adulto.

LÍRIO GUARANI: Então, eu conheci quase... Essa... é o sofrimento do (trecho incompreensível) que tá acontecendo. Então, pra sair, por exemplo, eu saí de Mato Grosso assim, escondido, fugido, escondido, pra ninguém achar aqui, né? Que se saísse os índio ia atrás.

JULIANA: Os índios da guarda, o senhor fala?

LÍRIO GUARANI: Era, justamente, mas era o vestimento era de farda de Exército.

ENTREVISTADOR: Era fardado?

LÍRIO GUARANI: Era fardado.

ENTREVISTADOR: Hã.

LÍRIO GUARANI: Então o próprio dentro Karajá também era desse jeito. Eu cheguei a conhecer, era uma tropa de índio dos Karajás, do mesmo jeito que funcionava aqui funcionava lá na aldeia. Então, é o seguinte, aí quando eu cheguei em fazenda Guarani aí o que que acontece, dos Krenak pra ter o retorno no território deles foi em 79.

JULIANA: 79?

LÍRIO GUARANI: Foi em 79. Aí deu o retorno deles pra aqui pra terra origem deles. Então, é o seguinte, quando os Krenak deu retorno da terra deles é por causa que houve uma enchente e, essa enchente aqui, ela acabou nessa beira de rio aqui, nessa base de rio aqui, em 79. Ainda em 79 eu tava em Vitória, no Espírito Santo, na aldeia do Tupi.

ENTREVISTADOR: De Aracruz, né?

LÍRIO GUARANI: De Aracruz, Tupiniquim. Aí nesse território Tupiniquim não era demarcado a terra também não. Era um patrimôniozinho, era um patrimônio que não era demarcado de terra indígena, mas não era conhecido ainda. Só que eu morava no patrimônio, nessa época eu tava nessa aldeia dos Tupiniquim em 79. Em 80, em 82 que eu vim pra aqui, e tava em 3 alqueire de terra lá em cima. Já tinha acabado isso aqui e refeito, o rio doce já tinha eliminado, já tinha retirado os índio que tava tomando conta lá, era só patronato que tava tomando conta daqueles 3 alqueire era patronato. Aí quando já (trecho incompreensível) a enchente cantiou o pessoal que tava lá em cima aí os índio vieram. Um, duas ou quatro pessoas, família parece que veio.

JULIANA: Sim.

LÍRIO GUARANI: Chicaru. Mas, ficaro ano lá em cima pra poder conquistar esse território novamente. Pra poder... Depois (trecho incompreensível) a gente pega é muito bicho, tem quatro mil hectare de terra. Eu também tomava toda... Quando esse aqui foi demarcado não foi o índio que ocuparo, não.

JULIANA: Ah não?

LÍRIO GUARANI: Não foi os índio que ocuparo. Por isso que errou tudo essa demarcação.

JULIANA: Aham.

LÍRIO GUARANI: Mas, já deu pra fazer uma moradia, né.

JULIANA: Aham.

LÍRIO GUARANI: Pra trabalhar, pra botar uma roça. E quem tava em três alqueire esse daqui tá até bom. Mas, só que nesse tempo agora que nós tamo, agora nós tamo muita família. Agora nós tem, nós tamo muito cercada também. Quer dizer, ter tem, o problema é novo, moço, subir, descer as montanha, baixa mesmo é difícil. Agora, eu vou te falar com cês, isso aqui o pessoal antigo fala que esse aqui tudo era mato. Hoje não, hoje acabou tudo, tá tudo de cá, tudo é pasto, capim muito tempo, isso aí num é mais nada. Onde que representa aí é a madeira que ficou aí, algumas que é a peroba, que é a mata nativa, né. O que era madeira de valor mesmo, essa valor mesmo foi tudo cortada e foi vendida, foi tudo, então, acabou tudo, acabou tudo. Então... Isso aí é o problema tudo que tem assim nessa aldeia. E tá ali, não tem mais nada, nem caça, pra acabar tudo veio essa sujeira da água aí, que terminou tudo.

JULIANA: A gente pode conversar daqui a pouquinho com o senhor?

LÍRIO GUARANI: Daqui depois eu vou dar uma cochilada.

JULIANA: Tá bom. Quer dizer, que a dona Derli falou que agora não é hora mais, né.

LÍRIO GUARANI: Sabe porquê? Porque eu levanto cedo moça.

JULIANA: Entendi.

LÍRIO GUARANI: Que eu levanto cedo.

JULIANA: Uhum.

ENTREVISTADOR: Obrigado.

LÍRIO GUARANI: Eu levanto aqui, acordo é 3h00min e tem que...

JULIANA: Tem que ir pra roça, né?

LÍRIO GUARANI: Aham.

JULIANA: O que o senhor planta lá na roça?

LÍRIO GUARANI: Não, eu tiro leite...

JULIANA: Ah...